

RESENHA: NETO, Lira. *Getúlio: o Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Afonso de Alencastro Graça Filho¹

Não parece ser comum o trabalho aprofundado de pesquisa entre recentes publicações jornalísticas pautadas em reconstituições históricas, mas Lira Neto nos conduz, por meio de sua agradável narrativa, a um passeio minucioso pela vida de Vargas, desde os anos de sua chegada ao poder, em 1930, até à deposição do ditador, em 1945.

O detalhismo da pesquisa alcança a descrição de episódios menores, como as vingativas trapalhadas do irmão Benjamim, o Bejo, na fronteira com a Argentina ou os amores secretos de Vargas pela esposa de seu oficial de gabinete. Tudo é bem alinhavado à reconstrução do cotidiano de Vargas, que a exploração sistemática dos seus diários possibilitou, já disponíveis desde 1995 ao grande público em edição da FGV.

São as páginas desses diários, com anotações sucintas e áridas, muitas vezes reduzidas a simplórias referências aos despachos do dia, que auxiliam a reconstituição de quase todo o período tratado por Lira Neto nesse volume e que moldam a sua estrutura dorsal para a concatenação dos fatos. A surpresa maior é que se revelam num excelente guia para visitarmos o dia a dia de Getúlio Vargas e de sua família. Podemos afirmar que pela primeira vez os dois volumosos calhamaços publicados pela FGV, que agrupam os diversos cadernos pessoais de Vargas iniciados em 1930 e abandonados em 1942, ganham vida.

Lira Neto nos permite uma janela para acompanharmos os humores variados do estadista, seus dramas pessoais, os embates no centro do poder, no interior de sua equipe ministerial e de seus aliados, sempre pressionado pelas circunstâncias instáveis de uma época de ruptura com o jogo político das oligarquias dominantes, encabeçadas pela força da oposição de São Paulo para o retorno à constitucionalidade.

O autor passa em revista os principais embates políticos e os mais violentos, que marcaram esse período da Era Vargas. Esses eventos marcantes, como a revolta constitucionalista de 1932, as insurreições comunistas de 35 ou o *putsch* integralista de 1938, compõem apenas um cenário de fundo, que é abordado sempre colocando-se o presidente sempre no centro do palco, tentando esclarecer suas atitudes diante desses episódios e das forças conflitantes no interior do seu círculo de poder.

Lira Neto é também sincero em suas pretensões, como declara nas notas de esclarecimento ao final dos dois grossos volumes: “Em nenhum momento ousei reescrever ou reinterpretar tais acontecimentos, empreitada que fugiria ao limite de minha competência e ao escopo original deste livro. Meu propósito, como biógrafo, foi articular o vasto pano de fundo com aspectos da vida privada do biografado, sobrepondo cotidiano e contexto histórico, para tentar compreender

¹ Professor do Depto. de História da UFSJ

de que forma essas duas dimensões interagiram e sofreram influências mútuas.”

Está claro que o autor não busca as polêmicas acadêmicas ou mesmo linhas de interpretações sobre o processo histórico, mas apresentar ao leitor desinteressado a pessoa do biografado. Não temos aqui o senso comum do Vargas maquiavélico, mas um Vargas que vacila ou posterga uma decisão premido pelas circunstâncias históricas, que acerta ou erra na manutenção do governo, mas que consegue imprimir suas ideias modernizadoras na reforma administrativa e na política de massas do Estado. Tampouco trata o autor de suprimir a produção historiográfica mais significativa sobre o período e suas interpretações, que se encontram sempre presente, diluídas em rápidos arremates de texto.

Essa honestidade em declarar que evitou as polêmicas da interpretação do processo histórico evidencia o projeto proposto para tamanho esforço biográfico, a de uma arqueologia de fino rendado, que se apropria de vasto material arquivístico, de periódicos e bibliografia secundária para nos fornecer aspectos inauditos da figura de Vargas e reafirmar outras facetas já conhecidas, de sua sagacidade no trato diplomático e governamental. Dessa forma, podemos acompanhá-lo em suas caminhadas por Botafogo, nos palácios da Guanabara e do Catete, entre o povo ou a caminho de Petrópolis, ou mesmo vivenciarmos as cenas de ciúmes de sua esposa Darcy diante de suas aventuras amorosas. Quase todo o pitoresco ou o folclore político tem aqui seu resgate, bem como os personagens palacianos e líderes políticos que privaram de seu convívio adquirem vida em curtas pinceladas biográficas.

O leitor, mesmo o comum, sentirá falta de um contexto de época mais abrangente, a exemplo da vida agitada do início da indústria cultural de massa, com os programas de rádio, os cassinos, o teatro de revista etc. não afloram nesse quadro animado da era Vargas no Rio de Janeiro, mas que pode ser deliciosamente nas Memórias do Café Nice, do Nestor de Holanda, ou nas “rolanças do tempo” de Mário Lago, no Tra-la-lá Lamartine Babo do Suetônio Soares Valença, entre outros tantos relatos, ou mesmo pela já densa historiografia da vida cultural do período Vargas. Pela centralidade dada ao “Gegê”, somente os salões palacianos se abrem ao leitor com mais frequência.

Definitivamente não é uma obra de História, na acepção da análise do enredo histórico e seus agentes. Nem se vale das discussões teóricas recentes sobre o gênero biográfico. Dessa forma não cria modelos explicativos e nem se arisca, com maior densidade, a tomar deles linhas interpretativas.

O problema da biografia, ao diminuir o papel das agências sociais, é acabar se restringindo aos meandros do círculo restrito do poder presidencial, inflando o protagonismo do biografado nos destinos nacionais ou apartando elementos necessários para a análise dos fatos. Podemos exemplificar isso nas passagens referentes às trocas de interventores, muitas vezes ao bel prazer do ditador, ou como Vargas consegue sustar as tentativas de levantes militares e do movimento integralista, com ampla penetração nas forças armadas. Mas o que não se percebe no livro é mesmo a obra de dominação popular, pela comunicação de massas, como se estabelece o controle sobre os sindicatos e das populações urbanas do Rio e São Paulo. Desnecessário dizer

que obras clássicas como a *A invenção do trabalhismo*, de Angela de Castro Gomes ou as de Boris Fausto, se tornam imprescindíveis para o resgate dessa ausência.

A implantação do Estado Novo não vai além das maquinações palacianas, não incorpora a ampla cooptação de lideranças empresariais e políticas, que se calam frente ao projeto ditatorial, muitas delas abdicando do passado, da luta constitucionalista de 32. Também a historiografia sobre o *estado de compromisso*, como no estudo de Eli Diniz sobre as estruturas de poder e as relações de classe no Estado Novo, nos esclarece e nos ajuda a entender a cooptação de classe nesse momento da industrialização brasileira, da modernização conservadora de Vargas.

É aqui que Vargas deixará sua herança para o Brasil contemporâneo, para alguns maldita, organizando a máquina administrativa do Estado, quando se alça à condição de verdadeiro estadista, bem como criando condições estruturais para o surgimento do Brasil industrial. Bem possível que esse assunto não seja do agrado do grande público, mas é inevitável para se compreender a era Vargas e o Brasil atual, como nos lembra Wanderley Guilherme dos Santos, em *O ex-Leviatã brasileiro*.

É sabido que Vargas não gostava de se explicar, que permanecerá atraindo a atenção dos estudiosos para esse momento central de mudanças para o país. Muitas biografias políticas já foram tentadas e com êxito, como a recente de Boris Fausto, também pela Companhia das Letras, ou os apontamentos biográficos e políticos de Hélio Vianna, ou a de John W. F. Dulles. O trabalho de Lira Neto não se atém às questões políticas, mas busca o cotidiano de Vargas, e pelo menos, conseguiu desvendar muitas das anotações comedidas e às vezes enigmáticas dos diários pessoais de Vargas, que ganham inteligibilidade em suas mãos.

Se aqui temos uma retrospectiva detalhada de uma vida, se trata da vida de quem tem seu lugar permanente na construção do Brasil contemporâneo. Então, vale a pena o entretenimento de enfrentarmos suas mais de quinhentas páginas.